



**Eu e os outros em diálogo: revisitando conceitos sobre
comunicação e alteridade**

I and others in dialogue: revisiting concepts of communication and otherness

Maximiliano Martin Vicente^[a]

Mayra Fernanda Ferreira^[b]

^[a]Doutor, Unesp, e-mail: maxvicente@faac.unesp.br

^[b]Doutoranda, Unesp, e-mail: mayraunesp@yahoo.com.br

Resumo

Este trabalho visa a refletir sobre o *status* da comunicação a partir da concepção da alteridade, ou seja, sua relação com o outro que também comunica e a quem se dirige um ato comunicativo. Partindo da concepção de três teóricos da área, o argentino (considerado uruguaio devido a seus trabalhos no país) Mario Kaplún, o brasileiro Ciro Marcondes Filho e o francês Dominique Wolton, pretende-se promover um diálogo entre as perspectivas sobre comunicação e alteridade de modo a provocar questionamentos sobre a experiência comunicativa e dialógica para os sujeitos imbricados nesse processo, entendendo a importância de uma consciência participativa, como nos coloca David Bohm, a partir do enfrentamento conceitual dos autores citados.

Palavras-chave: Comunicação. Alteridade. Diálogo. Participação. Coabitação.

Abstract

This paper aims to reflect on the status of the communication from the conception of otherness, that is, their relationship with each other which also communicates and whom is a communicative act. Starting from the concepts of three theoretical area, the argentine (considered Uruguayan due to their work in the country) Mario Kaplún, the brazilian Ciro Marcondes Filho and french Dominique Wolton, is intended to promote a dialogue between perspectives on communication and otherness mode to provoke questions about the communicative and dialogical experience for overlapping subjects in the process, understanding the importance of a participatory consciousness, according David Bohm's study, from the conceptual confrontation of the authors cited.

Keywords: Communication. Otherness. Dialogue. Participation. Cohabitation.

Introdução

A polissemia de significados na aplicação da palavra comunicação na contemporaneidade provoca uma ansiedade e uma preocupação de compreender quem comunica, o que se comunica e a quem se comunica, além, é claro, de investigar os meios e as intencionalidades dos discursos. Diante de um “problema de comunicação”, o qual não necessariamente apresenta uma solução, teóricos e pesquisadores da área debruçam-se sobre objetos culturais e de mídias e em seus interlocutores, para repercutir e aprofundar aspectos dessa problemática. No entanto, ao considerar etimologicamente a palavra comunicação, há um esforço a se fazer: ir além da aceção de tornar comum para compreender o outro e, a partir dele, produzir algo novo, como pontua Bohm (2005):

Num diálogo, cada pessoa não tenta *tornar comum* certas ideias ou fragmentos de informação por ela já sabidos. Em vez disso, pode-se dizer que os interlocutores estão fazendo algo em comum, isto é, criando juntos alguma coisa nova. Entretanto é claro que uma comunicação como essa só pode levar à produção de algo novo se as pessoas forem capazes de ouvir livremente uma às outras. (BOHM, 2005, p. 29) [grifos do autor]

Tendo em vista essa defesa, este trabalho apresenta a perspectiva teórica de três pesquisadores da área sobre a relação entre comunicação e alteridade, visando contribuir para o entendimento da perspectiva do outro nas situações comunicativas e, também, em demais aspectos da vida. Adota-se como ponto de partida para a reflexão da alteridade na comunicação o resgate do diálogo enquanto um processo no qual se fluem significados, incita-se a participação e possibilita-se a coerência e a união. Dessa forma, pretende-se não apenas uma exposição fragmentada dos teóricos da Comunicação, mas abrir espaço para incitar um diálogo entre essas perspectivas, a fim de compartilhar conhecimento em busca de algo novo e criativo (BOHM, 2005).

Como pesquisadores preocupados com a dinâmica da comunicação, adotamos neste texto as perspectivas de Mario Kaplún e a tese de uma Comunicação Participativa para garantir a expressividade dos sujeitos comunicativos (KAPLÚN, 1984); Ciro Marcondes Filho e sua proposta de uma nova teoria para a área, a fim de investigar se de fato nós nos comunicamos (MARCONDES FILHO, 2004); e Dominique Wolton e sua defesa do que é preciso para salvar a comunicação (WOLTON, 2006). A partir de suas ideias e de suas fundamentações teóricas e pragmáticas, questiona-se se é possível promover um diálogo na acepção de Bohm (2005) e, desse modo, fomentar novas reflexões sobre a alteridade na comunicação.

Alteridade, do latim *alteritas* “o fato de ser um outro”, refere-se ao princípio do ser como um EU unido ao TU, sendo, portanto, importante identificar “a forma como o homem se relaciona com seu semelhante, como considera esse ‘outro’, como sai – ou como consegue sair – de si e entrega-se à relação a partir do reconhecimento do outro” (MARCONDES FILHO, 2009, p. 31). Considerando ainda esse “outro” como potencial para a comunicabilidade, torna-se relevante compreender como o imbricamento entre o EU e o TU em um diálogo possibilita a comunicação e a emergência de algo novo, em especial para o debate sobre a área da Comunicação, as situações de comunicação e os sujeitos comunicativos.

O diálogo

O ponto de partida para elucidar a proposta de diálogo aqui sugerida por meio da interlocução com três teóricos da Comunicação é a afirmação de que “soamente o diálogo, que implica um pensar crítico, é capaz, também, de gerá-lo [o conhecimento]. Sem ele não há comunicação e sem esta não há verdadeira educação” (FREIRE, 2002, p. 83). Ao reconhecer essa interdependência do dialogar com uma efetiva comunicação, vivenciada de modo crítico, observa-se a necessidade de atos dialógicos por sujeitos abertos a descobertas, a fim de criar algo em conjunto que seja diferente da percepção e do repertório individual, sem anulá-los. Essa dimensão compreende o significado etimológico da palavra diálogo, do latim *dialogos*: palavra, fala, discurso (*logos*) que atravessa, que perpassa (*dia*). A partir desse conceito, pode-se compreender as significações expostas por Bohm (2005) ao diálogo:

O retrato ou imagem sugerido por essa derivação é o de uma *corrente de significados* que flui entre nós e por nosso intermédio; que nos atravessa, enfim. Esse fato tornará possível o fluxo de significados na totalidade do grupo, e daí podem emergir compreensões novas. Trata-se de algo inédito, que pode não estar presente no ponto de partida. Esse significado compartilhado é a “cola” ou “amál-gama” que mantém juntas as pessoas e as sociedades. (BOHM, 2005, p. 34) [grifos do autor]

É por meio dessa construção coletiva de um novo, como o conhecimento pontuado por Freire (2002), que o diálogo não é meramente uma discussão e/ou negociação. É um processo em que todos estão com todos, visando não defender um ponto de vista, de uma cultura construída por experiências vividas em um passado, e sim conhecer o outro, seus pensamentos, sua cultura. A partir disso, segundo Bohm (2005), há um movimento coerente de comunicação, há o compartilhamento: “os significados coletivamente compartilhados são muito poderosos. O pensamento coletivo é mais poderoso que o individual [...]. Temos que compartilhar nossa consciência e nos capacitarmos para pensar juntos, para fazer o que for necessário de uma forma inteligente” (BOHM, 2005, p. 45-47).

Desenvolver essa inteligência implica o diálogo, ou seja, perceber o que se passa na mente do outro e não agir de modo impositivo para mudar as opiniões e pressuposições desse alguém; é preciso perceber o significado delas. O objetivo do diálogo é, portanto, observar as opiniões e seus significados e, na sequência, compartilhar esse conteúdo comum, uma vez que os sujeitos em diálogo se abrem para conhecer tais significados, mesmo quando não se concorda com eles. De acordo com

Bohm (2005), torna-se possível uma consciência participativa na qual há participação dos envolvidos no diálogo e este se consolida como verdadeiro, ao mesmo tempo em que, pela comunicação, há uma tomada de posição e a criação de um significado comum pelo grupo, que tende a ficar junto.

Se todos compartilharmos um significado comum, participaremos juntos [...]. É a harmonia do indivíduo e do coletivo, na qual o todo se move constantemente na direção da coerência. Assim, há tanto uma consciência ou mente coletiva quanto individual e, como uma corrente, o fluxo se move entre elas. As opiniões não são tão importantes. No fim das contas, poderemos estar em algum ponto entre todas as opiniões, e começaremos a nos movimentar para além delas em outra direção – uma direção tangencial –, rumo a algo novo e criativo. (BOHM, 2005, p. 66-67)

Em busca de algo novo, há o processo de ação-reflexão-ação, retomando mais uma vez Freire (2002). É preciso que os sujeitos se abram para o diálogo, signifiquem uns aos outros para, por fim, haver o compartilhamento que se reverte em uma ação participativa, já que se cria um sentimento de participação e envolvimento (BOHM, 2005), como mostra o modelo kapluniano.

Kaplún e a comunicação participativa

Inspirado também na proposta dialógica de Freire (2002), o teórico latino-americano Mario Kaplún (1984) declara que uma comunicação verdadeira só se efetiva quando os sujeitos comunicantes, ou seja, emissores e receptores, dialogam, mesmo que seja por meios artificiais e a distância. Nessa dimensão, o pesquisador defende uma comunicação dialógica a partir de um modelo participativo que confere a esses sujeitos um espaço para que suas vozes ecoem e ajudem a formular ações tendo em vista a transformação social.

O modelo de comunicação participativa kapluniano, proposto e praticado inicialmente por camponeses rurais no Uruguai nos anos 1980, possibilita que os grupos e as comunidades assumam suas vozes para emitir mensagens e interferir no processo comunicativo. A comunicação, então, comporta-se como um processo horizontalizado, no qual há diferentes interlocutores, visto que não há mais distinção entre emissores e receptores, o que favorece uma prática democrática. Kaplún (1983a), então, defende uma concepção de comunicação como participação, interação e diálogo.

Através do meio, os grupos podem dialogar, intercomunicar-se e estabelecer uma relação de diálogo – uma comunicação de mão dupla – com os educadores-comunicadores. O meio interconecta os grupos, une-os à distância e permite o intercâmbio e a confrontação de mensagens e a construção por todos de uma nova mensagem comum¹. (KAPLÚN, 1983b, p. 52) [tradução nossa]

Essa mensagem comum pode ser entendida como o resultado do diálogo, que só se tornou possível pelo encontro e enfrentamento entre os sujeitos, reconhecendo-se. Dessa forma, pode-se dizer que a alteridade é um elemento fundamental, visto que é no confronto com o outro que se conhece suas opiniões e pode-se tomar uma posição e comunicá-la, formando, como pressupõe o modelo participativo, uma nova mensagem a ser compartilhada.

Para esse compartilhamento, Kaplún (1999) afirma que a apropriação de determinado código se dá a partir da comunicação deste, quando é usado e pronunciado, ou seja, por meio do diálogo no espaço cultural. “A construção do conhecimento e sua comunicação não são, como costumamos imaginar, duas etapas sucessivas através das quais primeiro o sujeito se apropria dele e depois o enuncia. São, isso sim, o resultado de uma interação” (KAPLÚN, 1999, p. 73). Como a interação refere-se a uma *ação entre*, é importante que os sujeitos se reconheçam, e sem esse reconhecimento do outro não haveria a comunicação. A partir da troca para a construção de novas mensagens, na proposta kapluniana, os grupos se autovalorizam, uma vez que reconhecem a importância de sua voz, devido à autoexpressão, e a sua contribuição para a sociedade na qual estão inseridos. Esse potencial para o desenvolvimento social é exaltado por Kaplún (1984), já que ele considera que sem participação não há desenvolvimento porque, por meio dela, os indivíduos assumem seu papel de protagonistas e criam as soluções para os próprios problemas.

Devido a isso, o teórico valoriza a presença de interlocutores, sem os quais não se efetiva a comunicação. Para que a interlocução ocorra de modo satisfatório, a empatia se apresenta como essencial. Em seus estudos voltados para o rádio, Kaplún (1983a) destaca que quando se conhece o ouvinte, mesmo que não seja pessoalmente, porém se predispõe a observá-lo, é possível dizer coisas com as quais os ouvintes se identifiquem. Nessa perspectiva, o papel dos comunicadores nos meios de comunicação é “saber escutar e não saber falar; e é uma arte saber escutar o que

¹ Texto original: “A través del medio, los grupos pueden dialogar, intercomunicarse; y entablar asimismo una relación de diálogo – una comunicación de doble vía – con los educadores-comunicadores. El medio interconecta a los grupos, los une a distancia y permite el intercambio y confrontación de mensajes y la construcción entre todos de un nuevo mensaje común.” (KAPLÚN, 1983b, p. 52).

se passa para poder assim relançar uma mensagem que ajude os grupos a dar novos passos²” (KAPLÚN, 1983a, p. 19).

Embora o autor defenda a ideia de uma comunicação grupal, a noção de alteridade perpassa essa perspectiva, já que é necessário que os membros dos grupos estejam dispostos a se conhecerem para então comunicarem, em um primeiro momento, dentro do próprio grupo e, em seguida, entre os grupos. Sendo assim, é a participação nos grupos que possibilita a expressividade dos sujeitos em meio ao diálogo com o outro. Caso tais sujeitos não se sintam parte e participantes do grupo, compartilhando ideias, valores e até mesmo hábitos, a comunicação não se realiza. Perspectiva que se assemelha à defesa de Marcondes Filho.

Marcondes Filho e a alteridade para e na comunicação

Tendo como ponto de partida a correlação entre comunicação e alteridade, o percurso teórico de Ciro Marcondes Filho aponta para o resgate do que é o comunicar, já que o autor define a comunicação enquanto algo raro, difícil de acontecer porque os sujeitos, os “eus”, estão presos em si, em relações mecânicas.

Por que precisamos desperdiçar décadas de vivências mal-vividas, por que temos de ignorar os outros, desconsiderar sua presença e recusar nossa própria sensibilidade, por que temos de fazer a longa trajetória se há caminhos mais curtos? [...] porque não temos a mínima ideia do que significa *comunicar* (MARCONDES FILHO, 2005, p. 24) [grifo do autor].

Devido ao distanciamento do que o autor acredita ser o *comunicar* com a vida do homem contemporâneo, o autor pontua que há uma blindagem e uma autorregulagem pelo próprio indivíduo para se perder em meio às máquinas e no assombro que o contato com o externo pode trazer. Tal situação se difere quando nos referimos às crianças, uma vez que elas apresentam sinais de afeto e de sentimento vivos que os adultos perderam com a passagem de endurecer para vida, de ter que trabalhar, lidar com o relógio e com compromissos (MARCONDES FILHO, 2005). Luta-se para viver e, enquanto isso, não se permite perder tempo para subjetividades e subjetivações, para um olhar mais sensível para o que nos rodeia, e isso inclui o outro.

² Texto original: “[el verdadeiro comunicador empieza por] saber escuchar y no por saber hablar; y es un arte saber escuchar lo que se pasa para poder así relanzar un mensaje que ayude a los grupos a dar nuevos pasos.” (KAPLÚN, 1983a, p. 19).

Entre os caminhos apontados para um encontro verdadeiro com os outros está o processo de sentir o mundo, uma vez que Marcondes Filho (2005) ressalta que há uma fusão na qual a natureza e o mundo externo não são apenas vistos, mas apreendidos, e, então, provocam uma sensação de incorporação e mudança. É praticar uma comunicação vital com o mundo para que possamos viver: “Viver é sentir: saber ver, saber tocar, saber ouvir” (MARCONDES FILHO, 2005, p. 58). É também comunicar: “Viver é estar comunicando, emitindo sinais, demonstrando participar do mundo” (MARCONDES FILHO, 2004, p. 7). Como a comunicação se coloca como um processo difícil, quase não realizado, vive-se em uma ilusão de que estamos nos comunicando, devido às possibilidades técnicas e aos artefatos tecnológicos que, em tese, potencializariam os atos comunicativos.

Há todo esse mundo de aparelhinhos, aparelhos grandes, máquinas, torres, canais, fibras óticas para nos facilitar e proporcionar o contato com o outro e com grandes comunidades. Tudo à nossa disposição para que possamos comunicar, mas não nos comunicamos. Ou, então, fingimos comunicar, aceitamos que uma troca de mensagens por computador já é um diálogo, que o fato de transmitirmos nossa cara por câmera fotográfica doméstica é estar junto com o outro. (MARCONDES FILHO, 2004, p. 8)

Diante dessa ilusão, perde-se tempo, não se vive, não se comunica, ou seja, há um mundo interno e fechado em cada EU que não se abre para o outro; não há, portanto, compartilhamento, troca. A partir dos estudos de Michel Serres (e a crença em um outro que está entre as pessoas que dialogam), Emmanuel Levinas (e o questionamento sobre nossa relação com o outro, sendo esse o responsável pela nossa realização como indivíduo) e Martin Buber (e a afirmação de que o eu não existe sem o outro), o teórico brasileiro defende o contato do EU com o outro para que haja uma transformação em ambos, sem, contudo, apagar as diferenças individuais.

O processo de comunicação, segundo ele, é um encontro feliz, um momento mágico entre intencionalidades que, ao participarem de tal processo, extraem de sua participação algo novo. Desse modo, a interação se coloca como parte da comunicação, denota um sentido para a vida, para esse contato com o outro que se reverte em uma mudança. “A comunicação realiza-se no plano da interação entre duas pessoas, nos diálogos coletivos onde esse novo tem chance de aparecer, onde o acontecimento provoca o pensamento, força-o, onde a incomunicabilidade é rompida e criam-se espaços de interpenetração” (MARCONDES FILHO, 2009, p. 88). Essa interpenetração é como o processo de se despir. É necessário que o EU se abra para sentir o outro e isso exige uma postura ética do EU para considerar o outro e que há uma humanidade atrás dele, portanto, é a alteridade que comunica (MARCONDES FILHO, 2015).

Incomunicação e coabitação em Wolton

Wolton (2004) aponta a existência de dois sentidos para a palavra comunicação. Na dimensão normativa, retoma sua origem etimológica. Do verbo do latim *communicare*, significa partilhar, colocar em comum. Assim, a comunicação normativa remete ao ideal de partilha, de intercâmbio autêntico entre as pessoas, reconhecendo as alteridades. Já a segunda dimensão, a funcional, surge a partir do século XVII, com a ideia da difusão.

Remete mais para as necessidades de trocas no seio das sociedades complexas, para a difusão do trabalho e para a abertura das sociedades umas em relação às outras. Desde que haja especialização, há intercâmbio, logo, desenvolvimento de comunicações funcionais que preenchem uma função prática sem ter, por isso, outros significados. Mas a sociedade ocidental continua a valorizar, simultaneamente, o ideal da partilha. Compreende-se que o desenvolvimento da comunicação funcional se faça por referência à comunicação normativa. (WOLTON, 2004, p. 504).

Sendo assim, os dois tipos de comunicação coexistem, embora, para Wolton (2004), as condições para uma partilha ideal sejam subjugadas quando se está em um cenário em que há uma grande difusão de bens e serviços destinados a um grande número de pessoas que não compartilham os mesmos valores e, ao mesmo tempo, esses sujeitos também não demonstram um interesse pelo outro. Nesse sentido, o autor defende uma volta à prática normativa, a fim de que a comunicação contribua para uma emancipação e uma maior igualdade social. Enquanto um dos direitos individuais, comunicar apresenta o desafio de reforçar o EU, no sentido de se expressar, sem ignorar o outro que, ao se expressar, favorece a troca, a partilha.

Comunicar é *ser*, isto é, buscar sua identidade e sua autonomia. É também *fazer*, ou seja, reconhecer a importância do outro, ir ao encontro dele. Comunicar é também agir. Mas igualmente admitir a importância do outro, portanto, aceitar nossa dependência em relação a ele e a incerteza de ser compreendido por ele. (WOLTON, 2006, p. 15) [grifos do autor]

Para que haja essa intercompreensão entre o EU e o outro, reconhece-se a alteridade e a necessidade de interação, sendo que esta define a comunicação, segundo o autor. Como as possibilidades interativas estão crescendo na passagem da comunicação direta à comunicação técnica e à comunicação social funcional, pode-

se acreditar, a princípio, que há mais comunicação. No entanto, ocorre o contrário, pois, a partir das técnicas, difunde-se uma grande quantidade de informações que não é absorvida e compreendida por todos³.

Quanto mais fáceis se tornam as trocas do ponto de vista técnico, mais se torna essencial e difícil satisfazer as condições culturais e sociais para que a comunicação seja algo diferente de uma transmissão de informação [...] Em outras palavras, quanto mais mensagens estiverem em circulação, mais nos confrontamos com dois problemas. Aquele das condições a satisfazer para um mínimo de comunicação autêntica. E aquele do respeito, que vai além da técnica e da economia, à diversidade cultural. (WOLTON, 2006, p. 17-18).

Wolton (2006) ressalta que de nada adianta a informação em grande escala, se os indivíduos não reconhecem a diversidade cultural e social para viverem em coabitação. O resgate e a valorização das identidades retomariam a alteridade, inerente à comunicação normativa. No entanto, ao não se enxergar e não se escutar o outro, observa-se a incomunicação. “A sociedade da comunicação não é aquela em que ‘tudo se comunica’. Este é o esquema da sociedade da informação. É, ao contrário, aquela em que entre a informação e a comunicação reconhece-se a importância da incomunicação e da coabitação” (WOLTON, 2006, p. 151). Ao pontuar a incomunicação na sociedade globalizada, o autor destaca que pensá-la é reconhecer que há um outro, compreender, portanto, a alteridade, além de admitir as diferenças e as identidades. Considerando uma intercompreensão e uma inter-relação entre essas diferenças, seria possível a coabitação, uma prática para o intercâmbio e o diálogo entre os cidadãos.

Kaplún, Marcondes Filho e Wolton: um diálogo possível?

Embora haja diferentes acepções sobre a palavra e o significado de comunicação, nesse diálogo, reconhece-se o desafio aos comunicadores e aos sujeitos co-

³ Essa afirmação tem como base os estudos de Wolton (2006). No entanto, é preciso relativizá-la quando se observam os fenômenos de comunicação contemporânea por meio de aplicativos, como o Whatsapp, e também por veículos de mídias alternativas, como a Mídia Ninja, que possibilitam um fluxo de informações que se articulam a interesses de grupos que estão em busca de interações com aqueles com os quais compartilham determinados interesses, inclusive informativos e de opinião.

municantes de “despertar sensibilidades para o diferente, para o outro, para a alteridade que, sendo estranha, pode nos trazer, de fato, novos olhares, novas percepções, uma nova maneira de encarar o mundo e os outros. Isso tem um nome: comunicação” (MARCONDES FILHO, 2011, p. 194).

Essa comunicação defendida enquanto alteridade pelo autor brasileiro está em conexão com a percepção que os sujeitos devem ter de si e do mundo que os circunda. Tal perspectiva se relaciona com os pressupostos teóricos de Kaplún e Wolton, que se voltam para questões mais pragmáticas, e quiçá objetivas, ao ressaltar um contexto global e grupal para que a comunicação se efetue como prática, a fim de possibilitar os indivíduos a se estabelecerem em meio às diversidades e multiplicidade de vozes, de outros.

Há, no entanto, um aprofundamento da questão da alteridade na comunicação em Marcondes Filho devido a sua problematização sobre se, de fato, nos comunicamos. Ao compreender o silêncio e o vazio como tentativas do EU para se encontrar o outro, observa-se uma *nova* atmosfera comunicativa, porque cabe ao EU se posicionar e se abrir ao outro para juntos construir, verdadeiramente, a comunicação que implica interação, transformação e criação. Considerando que o diálogo é necessário para comunicar, como nos coloca Bohm (2005), o outro, seja um indivíduo ou uma coisa, é quem possibilita o enfrentamento, não no sentido restrito de conflito, mas de novos questionamentos sobre os significados do que se pensa, sente e como se age.

Nesse sentido, a interação, como um termo recorrente nos três teóricos abordados, recebe em primeira instância essa dimensão comunicativa para que se possibilitem as trocas e os compartilhamentos. Relaciona-se a comunicação como um processo de intercâmbio simbólico, de intenções nos discursos, sendo que cada sujeito comunicativo é portador de significações que precisam ser socializadas e compartilhadas. Contudo, em um diálogo efetivo, é necessário algo mais; é preciso construir o novo.

Mesmo defendendo que há a necessidade de revisitar a comunicação e encontrar perspectivas para ela, seja em um viés de participação ou de coabitação, Kaplún e Wolton não se aprofundam nessa questão dialógica como um processo de novas significações que vão além de trocas informativas e de expressividade dos sujeitos. É notável e, por que não, louvável, que tais teóricos estejam preocupados com uma emancipação do indivíduo por meio da comunicação, já que esta também compreende uma dimensão social de transformação, ainda mais em nações democráticas. Marcondes Filho também defende, a nosso ver, uma emancipação, mas que se inicia pelo sentir, pelo diálogo com o outro, com uma nova significação sendo construída para que verdadeiramente o sujeito possa estar no mundo, para, então, poder agir nele e com ele.

Retomando o aspecto interativo da e na comunicação, é perceptível que há primeiro um respeito ao indivíduo, a sua individualidade e identidade. Em um segundo momento é que se pontua o coletivo, a partilha. Nesses dois momentos, a alteridade é substancial, visto que, ao reconhecer um outro, diferente de si, é possível validar e/ou reconstruir e/ou ressignificar e/ou modificar nossas próprias opiniões. Assim como, por meio de reconhecer a existência do outro, existimos [o existente de Levinas, como apresenta Marcondes Filho (2011)] e podemos, junto a ele, participar do mundo e provocar outras transformações, sem que se percam tais individualidades no que se refere a opiniões e pressuposições já solidificadas. Afinal, é a mudança que circunda o processo de comunicação. Somado a isso, nessa situação de mudança, é importante verificar a consciência participativa dos “eus” e “outros” para que o diálogo seja possível. E essa é uma preocupação que circunda a dimensão teórica dos autores citados ao longo do texto. Em meio a essas preocupações, cita-se um exemplo que demonstra as possibilidades de uma efetiva comunicação: o projeto “Voz da Comunidade”, iniciado por um jovem de 11 anos, em 2005, no Complexo do Alemão no Rio de Janeiro, demonstra esse processo transformador e participativo por meio da comunidade e da partilha de informações ditas e socializadas entre os membros da própria comunidade, de modo a reforçar a identidade local e incentivar a expressividade, em especial dos jovens, em diferentes meios como jornal comunitário, *site* e redes sociais digitais⁴. Esse parêntese ao diálogo teórico abre possibilidades para se reconhecer o potencial da comunicação e sua presença em eus e outros que dialogam na práxis.

Retomando nossa questão inicial, ao apresentarmos as propostas de Kaplún, Marcondes Filho e Wolton não provocamos um verdadeiro diálogo, uma vez que a dialogicidade teórica em torno da Comunicação já é provocante por si, e não visamos, por ora, à construção de uma nova perspectiva. Nossa intencionalidade é dimensionar o outro na comunicação por meio de perspectivas, já fundamentadas, que o defendem.

Considerações sobre diálogo, alteridade e comunicação

Diante de indagações como “o que é comunicação?”, “como se comunica na contemporaneidade?” e “quem são os sujeitos imbricados na comunicação?”, este trabalho reconhece a relevância do diálogo enquanto um instrumento, e também um processo, comunicativo para que haja o encontro de um EU com o outro, ou

⁴ A história do jovem e do projeto pode ser conferida em <www.renesilvasantos.blogspot.com>. As ações do projeto estão em <www.facebook.com/vozdacomunidades/>, @vozdacomunidade e <www.vozdacomunidades.com.br>

outros, para que se possa fomentar interação, participação e criatividade na construção de algo novo.

Pensar a comunicação é, portanto, referir-se à alteridade. Kaplún, Marcondes Filho e Wolton citam tal relação como imprescindível para um verdadeiro ato comunicativo. De certo modo, e em diferentes níveis, justificados até mesmo por questões temporais e geográficas de seus estudos, os teóricos se aproximam de uma problematização a fim de resgatar a comunicação como algo superior à transmissão de mensagens. Busca-se o reconhecimento dos sujeitos comunicativos e de suas relações com o entorno. Há um potencial individual e coletivo nesse processo. É necessário respeitar a si para, então, reconhecer e sentir o outro, envolver-se com ele para comunicar, uma vez que é no encontro com o outro que se torna possível a construção de novas mensagens, opiniões e pressuposições que merecem ser compartilhadas como algo novo, e de fato o são enquanto resultado do encontro.

A partir dessa compreensão, pode-se dizer que não há uma verdadeira comunicação na contemporaneidade, uma vez que, mesmo diante de artefatos comunicativos, há uma dificuldade em se comunicar, abrindo-se ao outro (MARCONDES FILHO, 2004; WOLTON, 2006). Acredita-se que está comunicando, dialogando quando meramente se socializa opiniões e pontos de vista. Ignora-se a importância de uma partilha e de uma participação a fim de que assumam novas posições que sejam fruto do encontro, sem que essas se sobreponham ao já individualizado. É coabitar. É participar. É interagir. O processo é horizontalizado (KAPLÚN, 1984).

Tendo em vista essa horizontalidade que implica troca, para compreender de fato o que é comunicação, é necessário um debate dialógico entre suas dimensões a partir de quem se debruça sobre suas acepções e defende perspectivas teóricas. Não para negar uma ou outra, mas que, por meio das diferenças, possa se pensar junto, fomentar o ação-reflexão-ação de Freire (2002). Esse diálogo aqui iniciado entre três teóricos da Comunicação pode indicar que uma nova proposta criativa estará por vir, já que um dos pressupostos do dialogar é encontrar algo mais criativo e não direcionar ou validar uma verdade: “não é necessário que todos estejam convencidos a ter o mesmo ponto de vista. O compartilhamento de consciências é mais importante do que o conteúdo das opiniões” (BOHM, 2005, p. 77-78). As pressuposições sintetizadas de Mario Kaplún, Ciro Marcondes Filho e Dominique Wolton são, a nosso ver, o início de um diálogo produtivo para entender o *status* da comunicação e, principalmente, dos sujeitos comunicantes. Um diálogo entre mentes inquietas sobre a comunicação e que vêm inquietar os amantes da área a fim de que haja o compartilhamento de significados entre os “eus” e os “tus”. Afinal, espera-se que todos visem, de fato, a comunicar.

Referências

BOHM, D. **Diálogo** – comunicação e redes de convivência. Tradução de Humberto Mariotti. São Paulo: Palas Athena, 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 32. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

KAPLÚN, M. Processos educativos e canais de comunicação. **Revista Comunicação & Educação**. São Paulo: Moderna, Ano V, n. 14, p. 68-75, jan. /abr. 1999.

_____. **Comunicación entre grupos: el método del Cassette-Foro**. Ottawa: CIID, 1984.

_____. **Hacia una comunicación participativa**: entrevista a Mario Kaplún. Quito: Aler, 1983a.

_____. **Hacia nuevas estrategias de comunicación en la educación de adultos**. Santiago: Oficina Regional de la UNESCO para America Latina y el Caribe, 1983b.

MARCONDES FILHO, C. **Nova Teoria da Comunicação**. Estudos avançados em teorias da comunicação. Bauru: Unesp, 2015. (Comunicação oral).

_____. **O princípio da razão durante**: diálogo, poder e interfaces sociais da comunicação: nova teoria da comunicação. São Paulo: Paulus, 2011.

_____. (Org.). **Dicionário da comunicação**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2009.

_____. **Perca tempo**: é no lento que a vida acontece. São Paulo: Paulus, 2005.

_____. **Até que ponto, de fato, nos comunicamos?** Uma reflexão sobre o processo de individuação e formação. São Paulo: Paulus, 2004.

WOLTON, D. **É preciso salvar a comunicação**. Tradução de Vanise Pereira Dresch. São Paulo: Paulus, 2006.

_____. **Pensar a comunicação**. Tradução de Zélia Leal Adghiri. Brasília: Editora UnB, 2004.

Recebido: 15/08/2016

Aprovado: 01/09/2016

Received: 15/08/2016

Approved: 01/09/2016